

A Migração de Mulheres Nordestinas para MT/MS(1956-1990): ou os vazios da História

Eliene Dias de Oliveira*
Losandro Antônio Tedeschi**

Resumo: Propomos nesse artigo um diálogo acerca do papel do feminino na construção histórica da migração nordestina, categoria essa central no projeto de doutoramento intitulado “Identidades e Representações: memórias e viveres denordestinos em Coxim-MS (1956-1990)”. O termo “nordestinos” presente no título inicial desse projeto é ele próprio uma categoria universalisante que, a partir do prisma masculino, pretendia compreender a totalidade do ser nordestino. A partir da sensibilidade despertada ao contato com os olhar foucaultiano, propomos uma postura historiográfica que perceba as mulheres em suas singularidades e protagonismos. Esse olhar é amparado teoricamente nos textos *A construção histórica do masculino e do feminino* (COLLING, 2004) e *Foucault e a história das mulheres* (PERROT, 1995), os quais enaltecem a sensibilidade para o sujeito “mulheres” e demonstram a necessidade de uma postura historiográfica coerente com o lugar social ocupado por essas protagonistas históricas no processo migratório. O diálogo inicial com as fontes enfatiza a necessidade de estarmos atentos à percepção do processo de subjetivação dessas mulheres que, mais que acompanharem os maridos e familiares, são peças chave na compreensão do enredo de desterritorialização/reterritorialização que constitui o cerne desta pesquisa.

* Professora Assistente do Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Coxim. Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFGD. Email: elieneoliveira@yahoo.com.br

** Professor Doutor em História Latino-Americana, pesquisador em História das Mulheres, Estudos de Gênero, Memória e Imigração. Coordenador do LEGHI (Laboratório de Estudos de Gênero, História e Interculturalidade) da UFGD/MS.

Palavras-chave: migração; mulheres; História.

Resumo: Lo que proponemos en este artículo es un diálogo tratando del papel de lo femenino en la construcción histórica de la migración nordestina, categoría central en el proyecto de doctoramiento cuyo título es “Identidades y Representaciones: memorias y experiencias de vida de nordestinos en Coxim-MS (1956-1990)”. El término “nordestinos” que se hace presente en el título inicial del proyecto es él mismo una categoría universalizante que, a partir de la mirada de lo masculino, pretendía comprender la totalidad del ser nordestino. Partiendo de la sensibilidad despertada por el contacto con la mirada foucaultiana, proponemos una postura historiográfica que pueda percibir las mujeres en sus singularidades y protagonismos. Esa mirada está embasada teóricamente en los textos *La construcción histórica de lo masculino y de lo femenino* (COLLING, 2004) y *Foucault y la historia de las mujeres* (PERROT, 1995), textos que enaltecen la sensibilidad para el sujeto “mujeres” y demuestran la necesidad de una postura historiográfica coherente con el lugar social que estas protagonistas históricas ocupan en el proceso migratorio. El diálogo inicial con las fuentes de investigación pone de relieve la necesidad de poner atención en la percepción del proceso de subjetivación de esas mujeres que, más que simples compañeras de maridos y familiares, se convierten en piezas claves para la comprensión de la trama de desterritorialización/reterritorialización que constituye el punto principal de esta investigación.

Palabras clave: migración; mujeres; Historia.

Identidades e Representações: memórias e viveres de nordestinos em Coxim-MS (1956-1990)

Perspectivando contextualizar a temática ora analisada, far-se-á necessário apresentar o projeto “Identidades e Representações: memórias e viveres de nordestinos em Coxim-MS (1956-1990)”.

Ao se perscrutar a presença nordestina no Estado do Mato Grosso do Sul, há certa consonância da historiografia¹ em apontar

¹ OLIVEIRA, Benícia Couto de. *A Política de colonização do Estado Novo em Mato Grosso (1938-1945)*. Assis: Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Ciências e Letras Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”. 1999.

seu início a partir de 1943, quando houve, no Estado, a instalação da CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados), a qual estava inserida na política estadonovista de Getúlio Vargas, focada em fornecer estratégias que viabilizassem a “Marcha para o oeste”. Inspirados na política nacional, em Coxim-MS houve a instalação da primeira colônia na década de 1950, quando da instalação da Colônia do Taquari, em 1956 e, posteriormente, da Colônia São Romão, em 1966. Levando em consideração o período de reterritorialização (CANCLINI, 2003), elejemos os anos 50 do século XX como marco inicial da periodização, estendendo-o até duas décadas atrás, o que nos permite atingir amplas possibilidades de análises dos viveres e trajetórias do sujeito nordestino em Coxim-MS². No entanto, procuramos pensar que este recorte cronológico também traz em si resquícios dos marcos oficiais e, logo, o mesmo não está fechado e poderá ser revisto na dinâmica da pesquisa.

As investigações iniciais sobre a presença de sujeitos oriundos da região Nordeste do país para a região Centro Oeste, mais especificamente, para a cidade de Coxim-MS, sugerem a busca por melhores condições de trabalho como o motivo central da desterritorialização (CANCLINI, 2003) de famílias para a outra região. Esta constatação é endossada pela investigação da historiadora Marina de Souza Santos:

[...] pela análise feita junto à historiografia local, [...] os nordestinos estão sempre inseridos em contextos que tra-

SILVA, Mário Cezar Tompes da. *Expansão do Complexo Agroindustrial e o processo de Mudança no Espaço de Dourados*. São Paulo: USP, 1992. (Dissertação de Mestrado).

² A temática da presença nordestina em Coxim-MS tem resultado numa nascente historiografia no Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Cito: AMARAL, Alexandre Santos. *A grande família: o migrante nordestino em Coxim hoje*. Coxim: UFMS, 2006. (Trabalho de Conclusão de Curso). DUARTE, Flávio José. *O migrante nordestino em Coxim-MS (1940 a 1970)*. Coxim: UFMS, 2007. (Trabalho de Conclusão de Curso). FERREIRA, Leandro Gomes. *Cultura Popular em Coxim: a festa dos nordestinos como processo identitário (1995-2008)*. Coxim: UFMS, 2009. (Trabalho de Conclusão de Curso).

tam da perspectiva econômica ou demográfica. Esse fato é ressaltado quase sempre por números, como é o caso do projeto de colonização empreendida pelo governo Vargas, na chamada “Marcha para o Oeste”, que culminou em Dourados com a criação da CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados). Nesses projetos os nordestinos são mencionados como mão-de-obra que ocupavam os “espaços vazios” e desenvolviam a agricultura ou, na década de 50, os responsáveis pela derrubada das matas para a introdução da pecuária. (SANTOS, 2003-13)

Embora essa proposta de pesquisa considere relevante a articulação com as políticas do Estado, o que propomos como central é a investigação das trajetórias desses sujeitos, expressas em suas narrativas; estas portadoras de representações identitárias, ademais de serem carregadas de significados e sentimentos diversos. Nesse sentido, para além da homogeneidade e continuidade apresentadas nas perspectivas econômicas e demográficas, procuraremos abordar outras nuances do sujeito nordestino que deixou sua terra natal e partiu em busca de outras realizações, motivado ou não pela presença das colônias agrícolas. A heterogeneidade dos caminhos percorridos nos permitirá trazer à tona outras memórias e outras histórias desses sujeitos sociais, homens e mulheres, que talvez ainda não estejam presentes na escritura existente.

De acordo com a historiadora Carla Monteiro Souza (2006-10):

[...] o que a experiência nos mostra é que o entendimento do que move os indivíduos, do que os empurra de um lugar para outro, vai muito além da configuração dos fatores socioeconômicos. Estes são importantes, pois definem em primeira instância o caráter de uma migração, sem, contudo, definir completamente a sua lógica interna, os seus nexos, sentidos e significados, configurados em boa parte pelas mediações culturais e pelas escolhas individuais.

Ao longo da investigação, ser-nos-á possível perceber o grau de importância da categoria trabalho na escolha por deixar o Nordeste; e se esses sujeitos sociais carregam consigo o sentimento de migração ao narrarem suas vivências, ou seja, se o conceito de migração coaduna-se com a representação tecida por esses sujeitos ao falarem de si. Arriscamos afirmar que tais agentes históricos não são presas do determinismo econômico e por isso não devem ter suas ações circunscritas a esse âmbito.

Pensando o espaço da pesquisa, podemos perceber o Estado de Mato Grosso do Sul como um “ambiente cultural fluido” (SOUZA, 2004), um estado de migrantes, lugar de muitos sujeitos, de encontros e desencontros, o que o caracteriza como um espaço de hibridiz cultural por excelência. De processos contínuos de desenraizamento e enraizamento (SOUZA, 2006) constituindo uma sociedade extremamente complexa e amalgamada, um regionalismo de difícil compreensão, talvez apenas traduzível no que apresenta de plural ou, conforme nos indica categoricamente Canclini (2003), ao lançar mão do termo *glocal*.

O Estado do Mato Grosso do Sul é um estado jovem, criado a partir da divisão do Estado de Mato Grosso em 1977. Essa jovialidade denuncia uma identidade em plena constituição.

Entre os diversos grupos de migrantes presentes na cidade de Coxim-MS, nota-se a presença de famílias oriundas da região Nordeste do país. Ao chegarem ao outro *locus*, trazem consigo um modo de viver que nos permite identificá-los como pertencentes a um grupo - “nordestinos” -, a partir de alguns elementos centrais, como o modo de falar, a culinária, a indumentária, as músicas e as danças que lhe são peculiares. Sobre essa realidade, a pesquisadora Marta Francisco de Oliveira ressalta que:

Observar a realidade coxinense traz-nos à atenção como a construção da cidade e formação da população deveu-se ao

processo migratório. Se, por um lado, a região era ponto de passagem para as expedições monçoeiras, por outro aqueles que aqui se estabeleceram com o fim de prover os bandeirantes de víveres, apetrechos e descanso logo viram o potencial da localidade, situada na confluência de dois rios abundantes em águas e peixes. O estabelecimento de famílias, portanto, e conseqüentemente de uma cidade, foram apenas questão de tempo. Atualmente, a população coxinense é composta basicamente de imigrantes, com grande representação de nordestinos. Caminhar por Coxim é deparar-se constantemente com nordestinos que por razões variadas trocaram o sertão pela promissora idéia de trabalho mais gratificante rumo ao Sul, e que aqui encontraram uma nova forma de construir sua identidade cultural, aliando novas experiências à sua tradição. Em muitos casos, é uma história de sucesso. (2007-01)

Histórias de pessoas comuns que, ao serem narradas, nos permitirão trabalhar com a polifonia, a diversidade, as múltiplas possibilidades de representação desses sujeitos e de sua experiência.

No caso dos grupos migrantes, é comum a elaboração de elementos que possam referendar a memória do tempo passado que ainda subsiste no imaginário desses sujeitos. Essa memória se apresenta em forma de monumentos, lugares de memória (NORA, 1993), de costumes típicos e mesmo celebrações de um modo de viver que, embora pertença ao passado, permanecem presentes em vários sentidos.

Em Coxim-MS, podemos perceber esses elementos em locais de memória como a *Praça dos Nordestinos* e o *Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero*³. A música e a culinária nordestina também são referenciadas em feiras livres (Feira do Produtor) e eventos pro-

³ O *Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero* – CTN tem como objetivo “cultivar e propagar a cultura nordestina”, conforme consta na Ata de Criação do CTN, em Coxim-MS, 26 de Abril de 2000, p. 01.

movidos pelo Centro de Tradições, como a Festa dos Nordestinos, que ocorre no mês de junho, desde o ano de 1995.

Essa percepção de determinados elementos que nos permite aglutinar grupos de indivíduos como “nordestinos”, não deve obscurecer o fato de que se trata de uma noção extremamente complexa e dinâmica, como bem demonstrou o historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999) em *A Invenção do Nordeste*. Nesse trabalho, para fins de delimitação temática, o nordestino será entendido como aqueles e aquelas que vieram da região Nordeste do país, ou ainda os descendentes que nasceram em outras regiões, mas compartilham do modo de vida nordestino pelas vivências dos familiares. Acima de tudo, ser nordestino é uma autoidentidade.

A proposta dessa pesquisa está centrada, principalmente, na análise de vivências, memórias e trajetórias de sujeitos nordestinos que vivem em Coxim–MS há pelo menos duas décadas, pensando no sujeito migrante nordestino em relação dialógica com a cultura e o modo de vida da população local. Esse sujeito, em permanente processo de construção/desconstrução, escolhe ser migrante, mas também procura criar meios de lembrar e reviver seus costumes e modo de vida.

Podemos afirmar que tal sujeito encontra-se em permanente processo de construção/desconstrução de elementos culturais e idiossincráticos. O que nos parece bastante comum, visto que entram em contato, entre outras coisas, com os elementos culturais do outro.

Segundo Carla Monteiro de Souza (2006-01):

Viver em outro lugar, reestruturar relações humanas, espaciais e temporais é tarefa complexa. A convivência do migrante com os “da terra” é exercida em via de mão dupla, na qual o movimento de desenraizar e enraizar é constante, variando de acordo com muitas situações específicas.

O ato de celebrar e relembrar o modo de vida de origem não impede o nordestino de estabelecer trocas e assimilações com a cultura local, aqui considerando esta também como fluida e não como um conjunto de elementos estanques. No caso particular de Mato Grosso do Sul, por sua recente constituição enquanto unidade federativa, esse aspecto de fluidez e dinamicidade cultural é ainda mais evidente. O Estado se constituiu amalgamando-se à constituição do próprio sujeito, seja ele nascido na região ou vindo de outras paragens.

Analisaremos a noção de identidade como produzida em momentos particulares no tempo; portadora de um núcleo essencial que distinguirá um grupo do outro; e produto de diferentes componentes (HALL, 2000). Nesse sentido, a justificativa para o presente trabalho, dá-se no âmbito do debate acadêmico. Questões como “existe a identidade?”, singularizada, ou, “identidades múltiplas, construídas, imiscuídas e amalgamadas?” serão perscrutadas no intuito de perceber possíveis significados que o sujeito nordestino atribui a si, ao narrar sua trajetória.

Nesse caminho, uma pergunta permanece sem enfrentamento consistente: qual o papel das mulheres nordestinas no processo migratório para o Mato Grosso e Mato Grosso do Sul no período ora abordado?

E as mulheres migrantes nordestinas? Onde encontrar esta escritura?

Percebemos que a historiografia que trata de migrações ainda trata parcimoniosamente a presença e a importância do feminino no processo de desterritorialização e reterritorialização dos grupos sociais. Analisando a tese da historiadora Telma Bessa Sales (2006) que tem nas narrativas orais a sua principal fonte de pesquisa, observamos que a autora selecionou narrativas de três gerações de canudenses que se instalaram na Zona Sul da cidade de São Paulo. São sete ho-

mens (José Macedo, José Dantas, José Alôncio, Gilberto Nascimento, Antônio Pereira, Leonildo e Roberto Santos) e uma mulher (Maria do Nascimento, esposa de Gilberto Nascimento) a nos contarem o que é ser canudense em São Paulo. Todos pertencem a famílias pobres de Canudos, trabalharam na roça com os pais e, à época da pesquisa, viviam em São Paulo.

Uma questão que fica a ser respondida são os critérios de gênero para a seleção dos sujeitos que teriam suas narrativas analisadas. Salta aos olhos a presença tímida de Maria do Nascimento como a única mulher do grupo de entrevistados e a sua representação atrelada ao fato de ser esposa de outro narrador. Cabe perguntar: o olhar feminino não teria contribuições a acrescentar à análise? No processo migratório, a mulher continua sendo tratada pela historiografia como parte da bagagem do homem? Essas são questões relevantes para se pensar a própria produção historiográfica a respeito do fenômeno migratório e serão aqui o eixo motivador da discussão que pretendemos estabelecer.

Para que se alcance tal objetivo torna-se salutar a reflexão proposta pelo texto da historiadora Ana Colling, *A construção histórica do feminino e do masculino* (2004). Colling nos diz da recente história das mulheres como disciplina científica, história essa por muito tempo escrita pelos homens, à margem da história dos homens. História contada como universal, a ocultar a diferença que se desdobra em desigualdade.

Repensar esta pretensa história universal escrita no masculino tem sido a contribuição de Michel Foucault que “[...] em suas obras, questiona os poderes da Razão Iluminista, fazendo uma crítica da razão e às pretensões de universalidade de saberes sobre o sujeito”. (COLLING, 2004-03)

O repensar da história do feminino e do masculino como constructo, arrolado a relações de poder a partir de representações que

se reafirmam historicamente em discursos e práticas, traz novos dimensionamentos aos sujeitos homem e mulher. Esse repensar impõe a necessidade de novos olhares para representações que se traduziam por portarem a verdadeira essência do feminino:

As representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos: a mãe, a esposa dedicada, a “rainha do lar”, digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada; [...] Aos homens o espaço público, onde centralizava-se o poder; à mulher, o privado e seu coração, o santuário do lar.[...] (COLLING, 2004-04)

Decisivamente pesou na construção e manutenção dessas representações a legitimidade conferida pela voz de autoridades dos saberes médicos, religiosos e dos mais variados campos da ciência. Vozes a dizerem do lugar social reservado às mulheres: o espaço doméstico, do lar e da maternidade. Aqui a dicotomia entre o privado e o público faz desse último o lugar da cidadania e da política; lugar esse reservado aos homens por excelência. À mulher, erigida no discurso competente como histérica e infantilizada, seria relegado o espaço privado, o lar e a família.

Transgredir tais representações exige o repensar da relação entre os sexos, a partir da produção de “saberes e categorias de análise que permite reescrever a história, levando em consideração o conjunto das relações humanas: uma história que interroga o conjunto da sociedade”. (COLLING, 2004-06)

Realizar uma arqueologia dos saberes sobre o feminino, aqui indiciando o uso do método analítico de Foucault, é proceder a um escrutínio da racionalidade instituída e construtora dos sujeitos. É desconstruir o modelo de verdade erigido como projeto universal. Logo, é perceber que inexistiu uma natureza do feminino, mas sim “uma construção cultural em que durante séculos as mulheres foram

designadas como seres incapazes de abstrair, de pensar”. (COLLING, 2004-09)

Foucault nega a existência da verdadeira mulher, de uma essência do feminino, para desnudar relações de poder e hierarquias socialmente construídas:

Homens e mulheres constituem-se em uma estratégia de poder. Os homens definem-se e constroem a mulher como o Outro, a partir deles mesmos, ocupam um lugar de poder e exercem não somente em relação à mulher, mas também em relação aos demais seres masculinos que não se ajustam a seu arquétipo. (COLLING, 2004-15)

Se a exclusão evidencia o exercício do poder, Colling chama-nos o olhar para o espaço do lar como o espaço carcerário e controlador. Ali, privada da solidariedade das companheiras, a exemplo de outros sujeitos alvo do controle externo (como os loucos, vadios e criminosos), a mulher deveria cumprir o seu papel social de mantenedora da família e resignar-se ao carcereiro.

Logo, nuança-se a relação entre os gêneros e não a relação entre os sexos. Gênero, uma categoria relacional, ao tratar de relações entre homens e mulheres, traz a nú o ser homem e o ser mulher enquanto categorias simbólicas, construídas historicamente.

Em outro viés, com pontos comuns à teoria do gênero, o pensamento feminista da diferença influenciado por filósofos como Nietzsche, Foucault, Jacques Derrida e Lacan reivindica o direito à multiplicidade, ao plural e heterogêneo, explicitando a necessidade de tornar as mulheres protagonistas de sua história. Esse viés não busca a igualdade com o outro sexo, mas o direito à diferença e ao reconhecimento dos direitos universais e básicos.

Defender a igualdade como direito universal não deve implicar que todos os indivíduos sejam iguais, porque

o mundo perderia muito se visse a diferença apagar-se em proveito da igualdade homogeneizante. (COLLING, 2004-28)

Reconhecer a singularidade do feminino, não almejando igualá-lo ao masculino, percebendo as mulheres, no plural, como protagonistas de sua própria história é o objetivo do pensamento feminista da diferença. Embora esse pensamento tenha sido extremamente influenciado por Michel Foucault, a historiadora Michelle Perrot aponta que, num primeiro momento, a história das mulheres e dos gêneros não esteve entre as preocupações centrais do filósofo. No entanto, tal aspecto da obra de Foucault não impediu que seu método de análise tornasse-se salutar ao estudo do mundo feminino:

Mas voltemos à genealogia do sexo e das mulheres na obra. É por meio da família que as mulheres tomam pé na obra de Michel Foucault. É pela sexualidade que elas tomam corpo. Desde a *História da loucura*, Michel Foucault sublinha a importância crescente da família como instância de regulação da moral e da razão. [...] No enquadramento disciplinar descrito por *Vigiar e Punir*, a família é um ponto nodal de articulação do público e do privado, dos pais e dos filhos, dos indivíduos e do Estado. (PERROT, 2005-493)

A família é o portal por onde, quase sorrateiramente, Foucault desnuda as mulheres. No olhar atento de Perrot, a História das Mulheres se utiliza dos aparatos conceituais e metodológicos, da “caixa de ferramentas” de Michel Foucault. O seu método de desconstrução das palavras e das coisas, rejeitando o essencialismo e o universalismo, evidencia a inexistência de um sexo fundado na natureza.

Ao mostrar em que contexto nascem a figura da mãe triunfante e subjugada, ou a da histérica, Michel Foucault rompe resolutamente com o eterno feminino dos médicos e os biólogos, cujos discursos, nos séculos 18 e 19, reforçavam a sujeição das mulheres a seu corpo e a seu sexo. (PERROT, 2005-501)

Perrot conclui que, embora sejam perceptíveis os avanços realizados no estudo do feminino, ainda há muito por se fazer. É necessário avançar no sentido de “compreender as formas de sua adesão, de sua adaptação ou de sua recusa, para captar seu próprio papel na modificação do curso das coisas”. ((PERROT, 2005-503) Aqui se vislumbra o ponto fulcral desse ensaio, o de explicitar a necessidade de repensar o papel das mulheres, no plural, no estudo dos movimentos migratórios.

Embora ainda em fase inicial de diálogo com as fontes, percebemos a necessidade de estarmos atentos à percepção do processo de subjetivação dessas mulheres que, mais que acompanharem aos maridos e familiares no processo de desterritorialização/reterritorialização, são peças chave na compreensão do enredo que pretendemos esmiuçar.

O diálogo com os textos *A construção histórica do masculino e do feminino* (COLLING, 2004) e *Foucault e a história das mulheres* (PERROT, 1995) possibilitou-me despertar a sensibilidade para o sujeito “mulheres” e, certamente, essa pesquisa não pretende fazer coro ao pacto de omissão das mesmas, tão presentes em alguns núcleos da historiografia que trata do fenômeno migratório.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 1999.
- CASTRO, Iara Coelho de. *Vigiar e construir a História. Memórias, esquecimentos, comemorações e historiografia nas representações sobre Aquidauana*. Dissertação. (Mestrado em História). UFMS: Dourados, 2002.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- COLLING, Ana Maria. *A construção histórica do feminino e do masculino*. In: *Gênero e Cultura. Questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, 1993.

OLIVEIRA, Benícia Couto de. *A política de colonização do Estado Novo em Mato Grosso (1938-1945)*. Assis, São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita".

OLIVEIRA, Eliene Dias de. *Identidades e Representações: memórias e viveres de nordestinos em Coxim-MS (1956-1990)*. Dourados: UFGD, 2011. (Anteprojeto de Pesquisa)

OLIVEIRA, Marta Francisco de. *Migração Nordestina e a Construção da Identidade Cultural: uma Análise da Realidade Coxinense à Base de A hora da Estrela, de Lispector*. Seminário Internacional Memórias e Migrações: museus, educação, diversidades e direitos humanos. FAFE, Julho 2007, disponível via www.museu-emigrantes.org/seminario-comunicacao-marta-fran.htm. Arquivo consultado em 15 de Janeiro de 2011.

PERROT, Michelle. Michel Foucault e a história das mulheres. In: *As mulheres e os silêncios da História*. Bauru, Edusc, 2005, p. 489-503.

SOUZA, Carla Monteiro de. História Oral e os Estudos Migratórios na Amazônia Brasileira: o caso de Roraima. *Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. 26ª Reunião. Julho/2006.

_____. *História, Memória e Migração: processos de territorialização e estratégias de inserção entre migrantes gaúchos radicados em Roraima*. Tese de Doutorado em História. PPGH/PUCRS. Porto Alegre: 2004.

SALES, Telma Bessa. *Canudenses na cidade de São Paulo: memórias e experiências (1950-2000)*. (Tese – Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 2006.

SILVA, Mário Cezar Tompes da. *Expansão do Complexo Agroindustrial e o processo de Mudança no Espaço de Dourados*. São Paulo: USP, 1992. (Dissertação de Mestrado).